

Publication status: Preprint has not been submitted for publication

# DECLINING DEMOCRACIES, CONSPIRACY THEORIES AND POPULISMS: A COMPARATIVE STUDY OF EXTREME-RIGHT THOUGHT IN BRAZIL AND THE UNITED STATES

André Silva de Oliveira, Rodolfo Silva Marques

<https://doi.org/10.1590/SciELOPreprints.9952>

Submitted on: 2024-09-12

Posted on: 2024-09-20 (version 1)

(YYYY-MM-DD)

## DEMOCRACIAS EM DECLÍNIO, TEORIAS CONSPIRACIONISTAS E POPULISMOS: ESTUDO COMPARADO DO PENSAMENTO DE EXTREMA-DIREITA NO BRASIL E NOS ESTADOS UNIDOS

**ANDRÉ SILVA DE OLIVEIRA**

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-8918-2845>

<portocalle62@gmail.com>

Doutor em Ciência Política pela UFPE. Belém, Pará (PA), Brasil

**RODOLFO SILVA MARQUES**

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-5855-0393>

<rodolfo.smarques@gmail.com>

Universidade da Amazônia (UNAMA). Belém, Pará (PA), Brasil

**RESUMO:** O incremento da extrema-direita ao redor do planeta reclama estudos mais acurados para entender os fundamentos teóricos que orientam seus partidos e movimentos. O bolsonarismo e o trumpismo, cujo exemplo o movimento brasileiro procura emular, se apoiam, em larga medida, nas chamadas teorias da conspiração como método eficaz de mobilizar amplas parcelas do eleitorado ao mesmo tempo em que serve como apelo atraente em luta contra a legitimidade das instituições democráticas. As teorias da conspiração, do qual *Os Protocolos dos Sábios de Sião* é um exemplo clássico, recebeu recentemente extraordinário impulso com a ideia de que um Estado Profundo (Deep State) atua nas sombras dos poderes constituídos para solapar a vontade popular na arena pública. Recorrendo à revisão da literatura sobre o tema, o presente artigo tem por objeto analisar criticamente como as teorias da conspiração permeiam o pensamento político do bolsonarismo e do trumpismo. Nossa principal conclusão sugere que as teorias da conspiração assumem um status essencial na constituição do núcleo duro do pensamento político da extrema-direita americana e brasileira, servindo simultaneamente para tentar deslegitimar as instituições democráticas e suas elites políticas anatematizando-as, bem como para manter a coesão coletiva dos referidos partidos e movimentos apelando para o medo e a insatisfação popular diante de presumidas ameaças internas e externas.

**Palavras-chave:** teorias da conspiração, extrema-direita, estado profundo.

## DECLINING DEMOCRACIES, CONSPIRACY THEORIES AND POPULISMS: A COMPARATIVE STUDY OF EXTREME-RIGHT THOUGHT IN BRAZIL AND THE UNITED STATES

**ABSTRACT:** The increase in the extreme right around the planet calls for more accurate studies to understand the theoretical foundations that guide its parties and movements. Bolsonaroism and Trumpism, whose example the Brazilian movement seeks to emulate, rely, to a large extent, on so-called conspiracy theories as an effective method of mobilizing broad segments of the electorate while serving as an attractive appeal in the fight against the legitimacy of democratic institutions. Conspiracy theories, of which *The Protocols of the Elders of Zion* is a classic example, have recently received extraordinary impetus from the idea that a Deep State operates in the shadows of the powers that be to undermine the popular will in the public arena. Using a review of the literature on the subject, this article aims to critically analyze how conspiracy theories permeate the political thinking of Bolsonaroism

and Trumpism. Our main conclusion suggests that conspiracy theories assume an essential status in the constitution of the hard core of political thought of the American and Brazilian extreme right, serving simultaneously to try to delegitimize democratic institutions and their political elites by anathematizing them, as well as to maintain the collective cohesion of the aforementioned parties and movements appealing to fear and popular dissatisfaction in the face of presumed internal and external threats.

**Keywords:** conspiracy theories; far-right; deep state.

## INTRODUÇÃO

O avanço da extrema-direita ocupa a agenda pública, especialmente a acadêmica, em todo planeta e os *scholars* procuram encontrar explicações plausíveis para a resiliência e a expansão dos movimentos oriundos dessa parte do espectro político que atacam as instituições das chamadas instituições da democracia liberal, especialmente o sistema tradicional de partidos, suas elites políticas e econômicas.

A ideia de enfraquecer e, não raro, erodir as instituições da democracia liberal, com o objetivo de substituí-las por regimes autoritários, integra a maior parte dos projetos da extrema-direita (*alt-right*). Tais movimentos ostentam um ideário que predica contra a globalização econômica, acusando as elites que a promovem de adotarem políticas públicas socialmente excludentes, de modo a fortalecer sistemas políticos somente democráticos na aparência, mas plutocráticos em sua essência. Tais teorias não apenas fornecem uma justificativa conveniente para as falhas ou insucessos dos governos de extrema-direita, mas também servem para enfraquecer a legitimidade das instituições democráticas e reforçar a coesão entre seus seguidores.

Esse discurso encontra forte reverberação entre os chamados excluídos da globalização econômica como, por exemplo, os trabalhadores brancos do meio oeste norte-americano que se veem como vítimas das elites da costa leste, mais cosmopolitas e liberais. Daí decorre o mote *America First* do republicano Donald Trump, cuja mensagem é claramente antiglobalização.

Todavia, um aspecto relevante não muito explorado na literatura em Ciência Política tem sido escrutinar como a ideologia *alt-right* se escora fortemente nas teorias da conspiração, um mecanismo útil para, a um só tempo, falsear a realidade e justificar erros ou maus resultados apresentados por seus governos. O presente *paper* pretende analisar criticamente algumas nuances das teorias da conspiração utilizadas pela extrema-direita brasileira e norte-americana.

O presente estudo pretende explorar essas dimensões, analisando como as teorias da conspiração operam dentro dos movimentos de extrema-direita tanto no Brasil quanto nos Estados Unidos. Ao investigar como essas narrativas se integram ao núcleo das estratégias políticas e ideológicas desses movimentos, buscamos entender melhor a dinâmica de deslegitimação das instituições democráticas e a formação de uma base social coesa e mobilizada em torno de conceitos antidemocráticos.

A estrutura do trabalho se desenvolve da seguinte forma, após esse texto introdutório, é a seguinte: a) as teorias da conspiração como mecanismo de mobilização e convencimento; b) as teorias da conspiração como motor da extrema-direita brasileira; c) a força das teorias conspiratórias na direita alternativa americana; e as considerações finais dos autores.

## **AS TEORIAS DA CONSPIRAÇÃO COMO MECANISMO DE MOBILIZAÇÃO E CONVENCIMENTO**

As teorias da conspiração estão presentes na trajetória da história política do Ocidente e tem alguns pontos em comum sendo o mais conhecido o que sustenta que forças ocultas operam para acelerar o fracasso ou até mesmo a queda de governos populares, de modo a frustrar a execução de uma agenda política e econômica de natureza popular. Nas sombras, reduzidas elites políticas e econômicas decidiriam o destino de países, continentes e até do próprio planeta em favor de seus interesses oligárquicos, nem sempre coincidentes – ou quase nunca convergentes – com os dos cidadãos comuns.

Os governos, mesmo quando constituídos a partir de eleições livres, justas e equitativas, não passariam de uma miragem na qual se realizaria o interesse público democrático, mas, na verdade, estariam, como todo o resto, a serviço das poderosas elites ou forças ocultas. Cabe ponderar que as teorias da conspiração são utilizadas também pela esquerda do espectro político, não raro, para apontar a atuação nas sombras de poderosas corporações que subvertem a vontade e/ou orientação de governos populares, mas não é este o escopo do presente *paper*.

Livro emblemático nesse campo da literatura, certamente o mais conhecido e, portanto, comentado, é o *Protocolo dos Sábios de Sião*. Esse famoso livro apócrifo, mas cuja autoria é atribuída à polícia política do czarismo, surgiu no início do século XX e descreve um plano judaico ambicioso de dominação mundial. Interessante constatar que os judeus não possuíam então um Estado nacional,

ainda se encontravam sob a grande dispersão – ou diáspora – e já tinham sido alvo de *pogroms* na Rússia dos czares. Essa situação de natural fragilidade institucional em razão de ser um povo apátrida, deslocado, não impediu, todavia, que fosse apontado como a grande ameaça mundial a ser combatida. Na literatura sobre *conspiracy theories*, o banqueiro judeu Rothschild é sempre apresentado como protótipo do poder econômico avassalador que se sobrepõe e triunfa sobre o poder político dos países cristãos.

No caso dos *Protocolos*, todos os vinte e quatro capítulos do livro, a maioria muito curtos, trazem afirmações contundentes e até cínicas sobre o projeto judaico de dominação mundial destinado a criar um “Governo Supremo” como se observa do seguinte trecho:

De nós promana o terror que tudo invade. Temos a nosso serviço homens de todas as opiniões, de todas as doutrinas; restauradores de monarquias, demagogos, socialistas, comunistas e toda sorte de utopistas; atrelamos o mundo inteiro ao nosso carro: cada mina de seu lado os derradeiros restos do poder esforçando-se por derrubar tudo o que ainda se mantém de pé. Todos os Estados sofrem com essas perturbações, pedem calma e estão dispostos a tudo sacrificar pela paz, mas não lhe daremos paz enquanto não reconhecerem nosso Governo Supremo abertamente e humildemente. O povo se pôs a gritar que é necessário resolver a questão social por meio dum acordo internacional. A divisão do povo em partidos pôs todos esses partidos à nossa disposição porque para sustentar sua luta de emulação é preciso dinheiro e nós é que temos o dinheiro” (1991, p. 102).

Em alguns capítulos, *Os Protocolos* mencionam a franco-maçonaria e até o comunismo como associados dos judeus na execução do plano de dominação mundial:

Sob nossa direção, o povo destruiu a aristocracia, que era sua protetora e sua ama de leite natural, porque seu interesse era inseparável do interesse do povo. Agora que a aristocracia foi destruída, ele caiu sob o jugo dos açambarcadores, dos velhacos enriquecidos que o oprimem de modo impiedoso. Nós apareceremos ao operário como libertadores desse jugo quando lhe propusermos entrar nas fileiras do exército de socialistas, anarquistas e comunistas que sempre sustentamos sob o pretexto de solidariedade entre os membros de nossa franco-maçonaria social. (1991, p. 84).

É claro que forjar um inimigo público implacavelmente perigoso – os judeus com suas ações secretas – associados às forças políticas que convulsionavam a Rússia – como os anarquistas, os comunistas, etc. - servia aos propósitos de propaganda do regime czarista. De outro lado, é possível constatar que foram *Os Protocolos* que lançaram a teoria conspiratória – muito adotada por outras a seguir – de um conluio universal envolvendo a judeu franco-maçonaria a qual se associam os liberais e até os comunistas formando, assim, uma poderosa coalizão cuja atuação é sempre oculta e com impactos planetários deletérios.

Não se pode desprezar o alcance planetário dos *Protocolos*, já que sua mensagem segue reverberando até hoje no seio da chamada direita alternativa (*alt-right*) brasileira e norte-americana como se verá adiante. Não é sem motivo que o famoso financista húngaro judeu George Soros é um

dos alvos preferenciais dos ataques dos adeptos da direita alternativa – foram *Os Protocolos* que pavimentaram esse caminho ideológico que hoje se observa em todos os lugares, incluindo as redes sociais.

No livro *O Complô no Poder* (2022, p. 38), Donatella di Cesare afirma que o filósofo político austríaco Karl Popper abordou academicamente as teorias da conspiração nas obras *A Sociedade Aberta e Seus Inimigos* e ainda em *Conjecturas e Refutações* tratando-as como resultado de uma mentalidade primitiva ou visão irracional. Todavia, Cesare considera que as teorias da conspiração vão muito além do que analisara Popper constituindo-se em uma causalidade diabólica decorrente de uma paixão metafísica:

Não se trata simplesmente de mentalidade primitiva ou de uma visão irracional – como sustenta, entre outros, Popper. A questão é mais profunda. Seguindo Nietzsche, pode-se dizer que a causalidade diabólica seja uma paixão metafísica. Procura-se a causa, isto é, identifica-se o sujeito culpado que se esconde nos bastidores, esse agente maléfico, dotado do poder soberano de prejudicar, esse inimigo único e absoluto que se esconde no retomundo obscuro. Na oposição maniqueísta de claro e escuro, bem e mal, que caracteriza a Metafísica, o inimigo absoluto encarna o Mal tenebroso. Tudo é permitido para se defender contra esse agente destruidor. (CESARE: 2022, pág. 39).

Cesare prefere utilizar o termo complotismo para designar os estudos das teorias da conspiração (*conspiracy studies*), assim classificando-o:

O complotismo é a reação imediata à complexidade. É o atalho, o caminho mais simples e rápido para fazer vir à tona um mundo atualmente ilegível. Quem recorre ao complô não suporta o desassossego, a questão em aberto. Não tolera habitar uma paisagem mutável e instável, não aceita estranheza. Mostra-se incapaz de se reconhecer, junto com os outros, exposto e vulnerável, desprotegido, mas por isso mais livre e mais responsável. (pág. 5).

Obviamente, eleger um inimigo público como responsável pelo atual mal-estar político e social se constitui em um caminho útil para líderes populistas-autoritários pavimentarem sua trajetória rumo ao poder servindo como mecanismo eficaz de mobilização e convencimento coletivo. Assim, no pacote de inimigos públicos entraram no passado a franco-judeu-maçonaria associada aos liberais e comunistas e hoje os vilões são os globalistas, organizações não governamentais, ambientalistas, assim como outras categorias ou grupos sociais ou ideológicos que porventura defendam a permanência de sociedades abertas com o conseqüente livre trânsito de ideias, pessoas e mercadorias. Em síntese apertada e com uma fluidez impressionante, pode-se afirmar que Rothschild foi substituído por George Soros sem alterar substancialmente o modelo mental concebido pelos *Protocolos*. As teorias conspiratórias relativas ao Estado Profundo (*Deep State*) e QAnon beberam igualmente dessa mesma fonte autoritária, profundamente antidemocrática e iliberal.

## AS TEORIAS DA CONSPIRAÇÃO COMO MOTOR DA EXTREMA-DIREITA BRASILEIRA

*Os Protocolos dos Sábios de Sião* encontraram em Gustavo Barroso, líder integralista e notório antissemita, um entusiasmado divulgador de sua mensagem no Brasil. Barroso foi o autor de *Brasil Colônia de Banqueiros* (1989), livro no qual destila seu agudo sentimento antissemita e elege como um dos alvos preferenciais nada mais, nada menos do que o banqueiro Rothschild, bem como afirma que *Os Protocolos* não eram uma falsificação, mas uma realidade confirmada por uma sucessão de fatos históricos. Nesse sentido, Barroso tenta estabelecer uma narrativa histórica favorável à veracidade dos *Protocolos*:

Bismarck, num discurso ao Landtag prussiano, pedia que “os cristãos fossem emancipados dos judeus”. Em 1869, Gougenot-Desmousseaux mostrava o judeu agindo na sombra, - meia dúzia de indivíduos dessa raça, donos do ouro e das associações secretas, dando ordens ao mundo inteiro. Em 1887, Calixto de Wolski, baseado nos documentos irrefutáveis de Brafman, dava a publicidade o segredo desses domínios nos países moscovitas. **E, enfim, em 1906, a formidável dos chamados dos *Protocolos dos Sábios de Sião*, embora apregoados como uma falsificação, veio confirmar ponto por ponto os libelos acusatórios anteriores.** (1989, p. 24) (Nossos negritos).

Ecoando o núcleo central da ideologia integralista que, por sua vez, emulava o fascismo italiano, Barroso anatematizou o Estado liberal-democrático e o capital apontando-os como afrontadores aos princípios da família e da nação decorrentes da civilização cristã:

**O Estado liberal-democrático**, adotando todas as normas do liberalismo econômico, facilitou a expansão dessa força dominadora. Havendo todos os povos erigido um culto de suas homenagens, esse novo Deus passou a oprimir os governos, assoberbar os Estados, na sua marcha avassaladora. Tendo-se facilitado tudo ao capital, este passou a atentar contra os princípios da civilização cristã como sejam o **princípio da família e o princípio da nação**. (1989, p. 24-5) (Grifos do autor).

Ao analisar o pensamento político de Barroso, Maio (1992, p. 127) pondera que, para o líder dos integralistas, o judaísmo fizera uso instrumental do liberalismo para minar “o espírito cristão” ao incentivar o egoísmo e o individualismo, tudo com escopo de “criar condições para a absolutização da opressão, o que viria a acontecer com o surgimento do comunismo”.

Esse substrato ideológico subsiste hoje no movimento conhecido como bolsonarismo. Não há nele o componente antissemita que caracterizou o pensamento político de Barroso – aliás, nem todos os integralistas eram antissemitas -, já que o ex-presidente Jair Bolsonaro evoca frequentemente Israel como modelo político-religioso, em claro afago às igrejas de denominação evangélica, cada vez mais numerosas e engajadas em política, que veem a Terra Santa como uma perene referência espiritual. Os católicos têm, por exemplo, o Vaticano como principal referência religiosa e não Jerusalém. Mas a ideia central segundo a qual poderosas forças políticas ocultas atuam nas sombras

para subverter a vontade coletiva subsiste. E é verdadeiramente grande o guarda-chuva que abriga tais forças ocultas como se observa do texto Ernesto Araújo, ex-ministro de Relações Exteriores do governo de Jair Bolsonaro:

Podemos chamar todo esse conjunto de “globalismo”. Trata-se, fundamentalmente, da globalização econômica capturada pelo marxismo, fenômeno que começou logo após o fim do bloco soviético e se intensificou a partir de 2000, embora seus impulsos destrutivos tenham raízes milenares. O globalismo nasceu quando a globalização capitalista, ao esquecer o espírito, entregou-se inconscientemente ao comunismo em sua metástase pós-soviética, ou seja, o marxismo de Gramsci e da New Left, da Revolução Cultural (tanto a ocidental quanto a chinesa), que sempre almejou ocupar o lugar do capitalismo por dentro em vez de enfrentá-lo de fora, e hoje está conseguindo. O atual modelo maoísta e sua crescente expansão pelo mundo é uma das principais expressões e resultados dessa triunfante penetração do capitalismo pelo marxismo (Arapujo: 2020, 2-3).

Essa visão antiglobalização que permeia o bolsonarismo remete claramente ao conceito de metapolítica (ou guerra cultural) defendida por Steve Bannon. Araújo (2020: 1-2) pontua os grupos envolvidos em uma “profunda e complexa trama de interesses” ao redor do planeta unindo “a grande mídia; o narco-socialismo (única forma de socialismo capaz de sobreviver no longo prazo); a corrupção; a bandidagem em geral (crime organizado); o sistema intelectual politicamente correto”, etc. Esse fabuloso mix de grupos políticos atuando secretamente para dominação do planeta soa – e é – como uma replicação atualizada do modelo mental obscuro produzido pelos *Protocolos*.

Cabe ponderar que, ao contrário dos norte-americanos e europeus ocidentais, o Brasil não tem enfrentado problemas relativos à questão migratória, razão pela qual a direita alternativa brasileira não produziu teorias conspiratórias do tipo a Grande Substituição (*Great Replacement Theory*) como se observa do romance político *Submissão* de Michel Houellebecq. No romance, é descrito ficcionalmente como um governo conduzido pela Fraternidade Muçulmana levaria à islamização progressiva, mas segura, da vida social na França. Desnecessário discorrer sobre o quanto tal tipo de relato, embora fictício, favorece o partido de Marine Le Pen cujo apelo contra a migração é unívoco.

Por fim, não será excessivo recordar que o ex-presidente Jair Bolsonaro alardeou insistentemente que a eleição de 2022 teria sido fraudada, também nas sombras, por atores políticos relevantes e instituições de controle horizontal como o STF, todos interessados em sua derrota eleitoral, embora não tivesse apresentado nenhuma prova concreta para abonar sua grave denúncia. Um expediente típico de *election fraud conspiracy theory* usado antes por Donald Trump para contestar a vitória eleitoral do candidato democrata Joe Biden.

## A FORÇA DAS TEORIAS CONSPIRATÓRIAS NA DIREITA ALTERNATIVA AMERICANA

A direita alternativa norte-americana tem feito uso extensivo e, portanto, robusto das teorias da conspiração. No catálogo das teorias utilizadas entram o Estado Profundo (*Deep State*), o QAnon, a Grande Substituição, assim por diante. Tais teorias produzem incentivos à ação coletiva que beneficiam líderes populistas que abraçam as narrativas conspiratórias.

Onnerfors (2021, p. 1) considera, por exemplo, que “há poucas dúvidas de que as teorias conspiratórias tem potencial para radicalizar seus crentes transportando-os das ideias para a ação” (Nossa tradução livre). Onnerfors (2021, p. 1) recorda que, antes mesmo da invasão do Capitólio americano em 6 de janeiro de 2021, os manifestos terroristas - vindos dos chamados “lobos solitários” como, por exemplo, o do ataque às mesquitas da cidade de Christchurch, Nova Zelândia, em 2019 – estavam “saturados com imaginação conspiracional que fizeram possível a violência letal” (Nossa tradução livre). De fato, o manifesto divulgado por Brenton Tarrant, o terrorista de Christchurch, aduz ao crescimento demográfico dos imigrantes a ponto de suplantarem e substituírem completamente a população europeia nos campos racial e cultural (Shakir, 2019). A teoria da Grande Substituição mobilizou, portanto, Tarrant a transitar do plano das ideias para a da ação violenta e/ou criminosa.

Onnerfors (2021: 04) ressalta ainda a dicotomia produzida pelas teorias conspiratórias entre “nós” – o povo - e “eles” – as elites conspirativas -, um mecanismo que favorece a “imaginação populista”, incluindo a vitimização da massa de crentes a quem se dirige a mensagem de conteúdo conspiracional. Como principal liderança republicana apoiada, de resto, explicitamente por grupos supremacistas brancos, Donald Trump tem recorrido extensivamente às teorias conspirativas anatematizando simultaneamente os imigrantes, apresentados como criminosos, bem como as elites liberais da costa leste americana que são rotuladas como distanciadadas do cidadão americano médio. Enders, Farhart e outros (2022, p. 2020) ponderam que as elites republicanas no governo e na mídia, notadamente Donald Trump, utilizaram recentemente as teorias da conspiração de um modo sem precedentes no último meio século da política norte-americana trazendo, assim, consequências graves e deletérias para as instituições democráticas.

O QAnon é outra teoria conspirativa que merece destaque. Trata-se de uma teoria da conspiração abrangente e infundada que alcançou, inclusive, o *mainstream* político norte-americano (Wong: 2020, p. 01). Os seguidores do QAnon – os *QAnonfollowers* – acreditam em teorias conspiratórias alarmantes e inconsequentes como as que apresentam políticos democratas, estrelas de

Hollywood e bilionários como governantes do planeta - outra referência implícita aos *Protocolos dos Sábios de Sião* com a substituição da franco-judeu-maçonaria por novos grupos políticos e categorias de pessoas. Esses conspiradores planetários atuariam no Estado Profundo (*Deep State*) e, fazendo apelo à imaginação bizarra e delirante, muitos seriam adeptos do satanismo, praticariam pedofilia, tráfico de pessoas, assim por diante, e somente Donald Trump poderia prendê-los e enviá-los para a Baía de Guantánamo (Wong: 2020, p. 02).

Se a classe política dirigente e as personalidades públicas relevantes – artistas, atletas e financistas – são apresentadas como expressões máximas de degeneração humana, a legitimidade das autoridades passa por um processo de erosão gradual aumentando, assim, a percepção pública de que, para superar o caos reinante, é necessário que algum líder, conectado às preferências do homem comum, venha restituir a ordem ou até inaugurar uma nova. Ou seja, o *establishment* político, econômico e cultural, profundamente atolado em corrupção e apartado do povo a quem devia servir, precisa ser removido das posições de poder e liderança, ainda que seja pela violência. Trata-se da velha fórmula populista na qual a liderança personalista, predicando contra a corrompida ordem política vigente, se sobrepõe aos controles e regras do jogo das instituições democráticas.

O potencial perigo produzido pela divulgação das ideias decorrentes das teorias da conspiração não pode ser minimizado. Grupos supremacistas brancos participaram ativamente da invasão do Capitólio em 6 de janeiro de 2021 como, por exemplo, o *Proud Boys* que se apresentam publicamente como “chauvinistas ocidentais” e já foram classificados como “grupo de ódio” pela organização Southern Poverty Law Centre e até como grupo terrorista pelos governos do Canadá e da Nova Zelândia.

Trump teria dito que “Ou o *Deep State* destrói a América ou a América destrói o *Deep State*” sendo que, na perspectiva do líder republicano, ele, e mais ninguém, *é a América*. Há sinais de que os planos de Trump não ficarão meramente no plano retórico, mas consistem em, por exemplo, demitir cerca de 50 mil servidores públicos federais que não lhe demonstrarem porventura lealdade pessoal caso vença a próxima eleição presidencial – e não há indícios de que os tribunais barrarão essa iniciativa do líder republicano (Luce: 2024, p. 02).

De qualquer modo, as teorias conspiratórias fornecem abundantes elementos ideológicos para que a direita alternativa mobilize seus milhares seguidores apelando, se for necessário, para ação violenta que, no limite e no pior cenário projetado, poderia resultar em uma inédita guerra civil opondo

os defensores das instituições da democracia liberal aos acólitos de Donald Trump, determinados a destruir o Estado Profundo (*Deep State*) para inaugurar uma nova ordem política.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A obra *Os Protocolos dos Sábios de Sião* se constitui em um documento marcante no campo das chamadas teorias da conspiração, obtendo ampla repercussão tanto no passado como agora, no Brasil e nos Estados Unidos. Boa parte das novas teorias da conspiração adota o modelo mental que emerge dos Protocolos, atualizando-o para os contextos políticos do tempo presente como aponta o presente artigo. Assim, por exemplo, o banqueiro Rothschild do passado foi hoje substituído pelo financista George Soros sendo ambos – e não por acaso – judeus.

As teorias da conspiração servem, a um só tempo, para anatematizar os adversários políticos, atribuindo-lhes os piores vícios, crimes ou falhas de caráter sem nenhum compromisso com a verdade real, bem como para mobilizar a militância de extrema-direita. O QAnon, a Grande Substituição, o Estado Profundo, dentre outras teorias, fornecem um arsenal ideológico e instrumental perene, de modo a permitir a transição da mera retórica populista-autoritária à ação coletiva. E isso é replicado em diferentes contextos. Tal situação fática pode, no limite, transbordar para o recurso deliberado à violência contra o establishment político, econômico e cultural, sobretudo nos Estados Unidos caso o republicano Donald Trump retorne à Casa Branca, no pleito de 2024, no qual enfrenta a candidata democrata Kamala Harris.

De qualquer modo, os estudos sobre teorias da conspiração devem ganhar novo impulso considerando que estão presentes no jogo político pelo seu uso extensivo pelos partidos e movimentos de extrema-direita e, como pensamos ter demonstrado, pelos potenciais danos que podem causar às instituições democráticas.

É evidente, pois, a influência dos Protocolos dos Sábios de Sião, pois tais teorias persistem e se transformam, moldando o discurso político e social. A reutilização desses argumentos revela uma continuidade inquietante na forma como os mitos conspiratórios são empregados para desacreditar adversários e galvanizar grupos em torno de agendas extremistas.

A proliferação dessas teorias da conspiração não só alimenta a polarização política, mas também ameaça à integridade das instituições democráticas. As estratégias para desinformar e mobilizar através de narrativas enganosas têm potencial para corroer a confiança pública e fomentar

a violência, como já observado em diversos contextos globais. É crucial, pois, que as investigações sobre essas dinâmicas recebam uma atenção renovada, a fim de compreender e mitigar os riscos que representam para a estabilidade e a coesão das sociedades democráticas. A análise crítica e a educação sobre o impacto das teorias da conspiração se tornam ferramentas indispensáveis para proteger os fundamentos da democracia e promover um debate político mais informado e responsável.

Assim, nossas principais conclusões, portanto, indicam que as teorias da conspiração compõem o núcleo central de tais movimentos políticos servindo ao propósito de deslegitimar as instituições da democracia representativa do tipo liberal, bem como manter a coesão de suas bases sociais fornecendo-lhes um substrato ideológico de defesa e ataque em face das elites políticas e econômicas que supostamente oprimem o cidadão comum aprisionando-o a interesses plutocráticos que subvertem a democracia.

## REFERÊNCIAS

APÓCRIFOS. **Os Protocolos dos Sábios de Sião**. Porto Alegre: Revisão Editora Ltda, 1991.

ARAÚJO, Ernesto. **Por um Reset Conservador-Liberal**. Disponível em: [www.metapolitica17.com.br](http://www.metapolitica17.com.br). Acesso em: 31 mar. 2024, p. 1-7.

BARROSO, Gustavo. **Brasil Colônia de Banqueiros**. Porto Alegre: Revisão Editora Ltda, 1989.

CESARE, Donatella. **O Complô no Poder**. Belo Horizonte: Editora Âyiné, 2020.

ENDERS, Adam; FARHART, Christina; MILLER, Joanne Miller; USCINSKI, Joseph; SAUNDERS, Kyle; DROCHON, Hugo. **Are Republicans and Conservatives More Likely to Believe Conspiracy Theories?** *Political Behavior* (2023) 45:2001–2024. Disponível em: <https://doi.org/10.1007/s11109-022-09812-3>. Acesso em: 10 jan.2024.

LUCE, Edward. **Trump's Real Plans for Deep State**. *Financial Times*. Disponível no sítio: <https://www.ft.com/content/a738e781-5c80-4d9d-b1cd-e9a145878b53>. Acesso em: 30 jun. 2024, p. 1-3.

HOUELLEBECQ, Michel. **Submissão**. São Paulo: Alfaguara, 2015.

MAIO, Marcos. **Nem Rothschild Nem Trotsky: o Pensamento Antissemita de Gustavo Barroso**. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1992.

ONNERFORS, Andreas. **How radical Right conspiracy theories drive populista mobilisation**. *Centre for Analyses of Radical Right*: 2021, p. 1-6. Disponível no sítio: <https://www.opendemocracy.net/en/countering-radical-right/how-radical-right-conspiracy-theories-drive-populist-mobilisation/>. Acesso em: 25 abr.2024.

SHAKIR, Kevin. **Dissecting Myths of a Great Replacement – A Critical Discourse Analyses of the Christchurch Attack Manifesto**. Roskilde University Denmark: 2019, p. 1-41. Disponível no sítio: [https://rucforsk.ruc.dk/ws/portalfiles/portal/64897639/kevin\\_shakir\\_bachelor\\_thesis.p](https://rucforsk.ruc.dk/ws/portalfiles/portal/64897639/kevin_shakir_bachelor_thesis.p). Acesso em: 25 abr.2024.

WONG, Julia. **QAnon explained: the antisemitic conspiracy theory gaining traction around the world**. The Guardian: 2020. Disponível no sítio: <https://www.theguardian.com/us-news/2020/aug/25/qanon-conspiracy-theory-explained-trump-what-is>. Acesso em: 25 abr.2024, p. 1-7.

#### **DECLARAÇÃO DE DISPONIBILIDADE DE DADOS DA PESQUISA:**

Todo o conjunto de dados de apoio aos resultados deste estudo foi publicado no próprio artigo.

#### **CONTRIBUIÇÃO DAS/DOS AUTORES/AS:**

**André Silva de Oliveira:** Conceitualização, Metodologia, Curadoria de dados, Preparação do Rascunho Original **Rodolfo Silva Marques:** Escrita, Revisão e Edição.

**DECLARAÇÃO DE CONFLITO DE INTERESSE:** Os autores declaram que não há conflito de interesses a mencionar.

#### **MINIBIOGRAFIAS**

André Silva de Oliveira

Doutor em Ciência Política pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Mestre em Ciência Política pela Universidade Federal do Pará (UFPA). Co-fundador e primeiro presidente do Instituto Liberal do Pará, eleito para o mandato de 2020-2024. CV: <http://lattes.cnpq.br/2586731460206297>

Rodolfo Silva Marques

Professor da Universidade da Amazônia (UNAMA). Doutor em Ciência Política pela Universidade do Rio Grande do Sul (UFRGS). Mestre em Ciência Política pela Universidade Federal do Pará (UFPA). CV: <http://lattes.cnpq.br/7865990074375419>.

This preprint was submitted under the following conditions:

- The authors declare that they are aware that they are solely responsible for the content of the preprint and that the deposit in SciELO Preprints does not mean any commitment on the part of SciELO, except its preservation and dissemination.
- The authors declare that the necessary Terms of Free and Informed Consent of participants or patients in the research were obtained and are described in the manuscript, when applicable.
- The authors declare that the preparation of the manuscript followed the ethical norms of scientific communication.
- The authors declare that the data, applications, and other content underlying the manuscript are referenced.
- The deposited manuscript is in PDF format.
- The authors declare that the research that originated the manuscript followed good ethical practices and that the necessary approvals from research ethics committees, when applicable, are described in the manuscript.
- The authors declare that once a manuscript is posted on the SciELO Preprints server, it can only be taken down on request to the SciELO Preprints server Editorial Secretariat, who will post a retraction notice in its place.
- The authors agree that the approved manuscript will be made available under a [Creative Commons CC-BY](#) license.
- The submitting author declares that the contributions of all authors and conflict of interest statement are included explicitly and in specific sections of the manuscript.
- The authors declare that the manuscript was not deposited and/or previously made available on another preprint server or published by a journal.
- If the manuscript is being reviewed or being prepared for publishing but not yet published by a journal, the authors declare that they have received authorization from the journal to make this deposit.
- The submitting author declares that all authors of the manuscript agree with the submission to SciELO Preprints.